

DR. REYNALDO PURIM



Memórias de seu sobrinho
João Reinaldo Purin

Visão Geral:

O Tio Reynaldo era um homem alto, solteirão, inteligente, filósofo, racional. Usava muito a lógica para as suas decisões e em algumas coisas era meio esquisito. Sempre bem vestido. Tinha uma preocupação constante de não se encontrar com alguém de surpresa de qualquer forma e causar má impressão. Andava sempre com um pente e espelhinho redondo no bolso para ver se estava bem penteado, caso contrário, passava o pente e seguia em frente. Sempre usava terno azul-marinho, casimira da marca Aurora. Podia ser o maior calor do Rio, ele tinha por baixo da camisa, camiseta de mangas compridas e também usava ceroula (acho que poucos sabem o que era isso). Andava sempre com guarda-chuva, pois, segundo ele, podia chover a qualquer hora e pasta na qual tinha a sua Bíblia, um livro e mais coisas para qualquer emergência, tais como: canivete, barbante etc.

Todos que o conheciam o chamavam de Doutor Purim, ou então professor e pastor para as suas ovelhas. Ele gostava ser tratado assim, porque de fato era.

Tinha uma preocupação extrema em não dar má impressão em alguma de suas atitudes. Era extremamente cioso com o uso de seu dinheiro. Gastava o mínimo possível. Tudo o que ele gastava, no final do dia, recordava e anotava em um livro de folhas pautadas. Assim é que foram encontrados, em seus guardados, muitos livros com registros, com as datas, os gastos com bondes e lanches etc. Era muito sistemático e ninguém podia demovê-lo do seu modo de vida. Tinha uma preocupação oculta: “o que será que alguém poderá falar?” e assim dar mau testemunho como cristão.

Era também muito cioso quando ao sexo oposto. Conta a minha cunhada, Noemi Lucília que quando aluna dele no Colégio Batista Brasileiro, nos intervalos as alunas se aproximavam dele para tirar dúvidas quanto à prova e outros assuntos, ele ia se afastando para não ter qualquer contato. Assim era também na igreja e em toda parte.

Suas falas eram sempre com muito cuidado no uso das palavras. Antes de responder uma pergunta, questionava o interlocutor, o que entendia pelo termo usado. A máxima dele foi: “bem, bem, precisamos definir os termos...” para então começar a discussão do assunto. Ele, como doutor em filosofia, talvez, inconscientemente usava o método de Sócrates que fazia o possível para que o próprio questionador descobrisse a resposta com o desenvolvimento do seu raciocínio. Era o facilitador para o aluno descobrir a verdade. Sempre, entretanto, era rápido em dizer que não conhecia o assunto que não tivesse estudado.

A sua vida afetiva era direcionada ao saber, aos estudos, ao trabalho, à Igreja Batista em Bangu que ele pastoreava e ao Seminário onde lecionava as matérias mais importantes.

Nascido e criado na roça, sempre se inclinou para os estudos. Consta que, jovem como era, ao chegar no Colégio Batista no Rio, em 1917, logo que fez as provas de admissão para o ginásio, foi classificado para o segundo ano. Fez o ginásio, colegial concomitantemente com o Seminário. Terminado o Bacharel em Teologia fez logo o Mestrado com a tese – Cristo – O Atonement. Na qual ele defende a posição de Jesus Cristo como o único e verdadeiro intermediário, unificador, reconciliador entre

Deus e o Homem e vice-versa. Está publicado como “Jesus Cristo, o Reconciliador”.

Tendo grandes propensões para a cultura teológica, conseguiu bolsa para continuar seus estudos no famoso Seminário de Louisville, Ky, EUA. Pretendia o doutorado. Entretanto, quando lá chegou em 1926, sua tese de mestrado no Brasil não foi reconhecida. Para isto, fez uma tese “proforma” com o tema “A Exultação de Cristo no Espírito Santo”. Também à disposição dos interessados.

Entretanto, para poder fazer o doutorado tinha ainda que ter o grau de Bacharel em Artes. Por essa razão ele teve que fazê-lo no Georgetowon College. Fê-lo com brilhantismo. Lá ele trabalhou em um Jornal onde teve muitas experiências em jornalismo, como reporte e escritor. Mantinha as mais gratas recordações do tempo em que lá esteve. Tendo conseguido o título requerido, volta para Louisville. Lá teve as mais importantes experiências com os mais famosos teólogos da época, tais como: Mullins, A. T. Robertoson e muitos outros. Também teve que trabalhar arduamente para manter-se nos estudos. Cortou grama e trabalhou como foguista para climatizar os apartamentos, dormitórios dos alunos e demais prédios do Seminário nos gelados invernos. Lá ele permaneceu estudando e confeccionando a tese, na qual gastou uns cinco anos de pesquisas. Esta tese teve os melhores elogios e apreciações – Tem como tema: An Introduction to the Death and Ressurrection of Jesus Christ = Um Introdução à Morte e Ressurreição de Cristo. Dizia ele que era intraduzível. Entretanto, já a temos à disposição dos interessados, graças ao trabalho do irmão e sua ex ovelha, Professor Claudio Vital de Souza.

Volta ao Brasil em 1934.

Tendo voltado, nunca deixou de ler, estudar e estar sempre atualizado com as notícias e com o pensamento nas mais variadas áreas do conhecimento humano. Seus livros eram lidos, por ele, com caneta e uma pequena régua para sublinhar e assim fazia com as frases mais importantes. Não se cansava em comprar livros. Gostava de frequentar as feiras de livros nas Praças Sans Peña e Cinelândia. Sempre me convidava para irmos juntos. Orientava-me que para comprar um livro devia olhar logo abaixo do autor, quem era e o que fazia e o faz na área.

* * * * *

Era extremamente responsável em seus compromissos. Tudo era anotado em sua agenda. Não faltava às suas aulas. Podia ser a maior chuva, antes de começar as aulas às 7 horas da manhã, lá vinha ele subindo a ladeira do Seminário, pois não queria que os alunos ficassem esperando pelo professor.

Tinha também os seus conceitos irremovíveis. Por exemplo: aposentado é só para quando o contribuinte ficar inválido. Assim foi muito difícil ele ser demovido do seu trabalho no Colégio Batista Brasileiro, quando já tinha tempo suficiente para se aposentar. Considerava-se em condições de trabalhar dando suas aulas de inglês a alunas da 1ª e 2ª séries do então ginásio, podendo estar fazendo outra coisa. - Na igreja em Bangu era a mesma coisa. Só saiu depois que a diabetes atingiu seu nervo ótico a ponto de não poder ler a Bíblia direito. Mesmo assim, pedia ao vice moderador, Maximiano, que a lesse para ele, já nos últimos meses de seu pastorado em Bangu. Conta, esse irmão que determinada tarde o encontrou, de pé, no seu gabinete, à luz da janela, tentando ler sua correspondência.

Ele nunca foi de pedir ou exigir coisa alguma de ninguém e especialmente da igreja. Contou-me, outro irmão que nos primeiros anos de seu pastorado, por exemplo, aos sábados, quando tinha alguma programação especial, ele não ia de volta para onde morava na cidade. No dia seguinte, domingo pela manhã, lá estava ele já bem arrumado esperando o povo chegar. Então, resolveram ficar espiando o que ele estaria fazendo. Viram, pela fresta da janela, que ele se deitava no tapete do púlpito e assim passava a noite. Foi, então, quando os líderes da igreja tomaram providências e colocaram um sofá-cama para o pastor.

Recordações de suas férias em nossa casa -

Rio Novo, Orleans, SC

Todos os anos, especialmente no começo de janeiro, era o tempo da espera da chegada do Tio, que em leito, nós crianças o chamávamos de “Unkuls” = Tio. Ele não era de avisar. Assim, todos em casa, ficávamos na expectativa. Geralmente achávamos que na primeira sexta-feira de janeiro, à noitinha, ele iria chagar. Naquele tempo os aviões já desciam em Tubarão (sul de Sta. Catarina). Viria de trem até Orleans depois a pé até nossa casa que ficava em Rio Novo, uns 12 quilômetros de caminhada pela estrada cheia de curvas e sobe e desce. Morávamos na subida do conhecido como o “morro dos Purim” bem nas nascentes do Rio Novo. De lá, nós crianças, ficávamos com os olhos fixos na distante estrada, bem lá em baixo onde havia uma reta além da propriedade da Igreja Batista, em que, no final, poderia surgir um homem alto que seria o Tio. A decepção, infelizmente, acontecia. Na semana seguinte quando meu pai ia para a cidade e no correio

encontrava o telegrama comunicando que este ano não viria. Decepção geral.

As minhas primeiras lembranças do Tio Reynaldo em casa são de quando ainda era muito pequeno. Talvez uns três ou quatro anos. Já era alta noite. Lá na roça tudo era sem chaves. As porteiras e portas, naquele tempo, só eram fechadas com tramelas que qualquer um podia abrir a qualquer hora do dia ou da noite. Assim é que lá pelas tantas, quando ninguém imaginava, eis que se ouviu a expressão em leito, na varanda: “Esmu máias”, por várias vezes. Estava dizendo: “estou em casa.” Assim é que todos acordaram e era aquele rebuliço. A vovó Lizete e o vovô Jahanis (João) (pronúncia Yanis) também apareceram. As alegrias começaram. Lembro-me que nos dias seguintes ele me chamou de “Poadjis” cuja tradução talvez seja “Pirralho” ou coisa semelhante. Ele muito nos queria bem, tanto é que gostava de nos aconchegar fazendo nos sentar em seus joelhos, fazendo “cavalinho, cavalinho...”.

Desta feita, o Tio Reynaldo já estava a alguns anos morando e trabalhando no Rio de Janeiro como pastor em Bangu e professor em várias instituições de ensino, inclusive no Seminário do Sul. Pelo que parece, era a primeira vez que ele estava a passar as férias em casa, depois que tinha voltado dos Estados Unidos. Lembro-me de que ele apanhou um Atlas Geográfico antigo para mostrar onde se situava Bangu e como ele tinha que tomar o trem da Central do Brasil para lá chegar e que morava em Ipanema na zona sul daquela cidade. Eu só ficava observando tudo, sem nada entender.

Sua vida era uma rotina semanal:

Aos sábados: Bangu, onde, como pastor da igreja tomava as providências, visitas, reuniões, programa

especial à noite. Domingo o dia inteiro, Escola Bíblica Dominical, culto, almoço em casa de alguma família escalada, mais visitas, trabalho evangelístico ao ar-livre, culto a seguir. Tudo terminado, tomava o trem e vinha para a cidade para as suas lides da semana. Quarta-feira à tarde, novamente - Bangu e assim sucessivamente. Só quem conheceu os trens e os bondes daquela época pode calcular o sacrifício que era.

Teve um ano em que ele enviou, pelo correio, um pacote com livros, em sua maioria de Monteiro Lobato: História das Invenções, Aritmética da Emília, Emília no País da Gramática, Serões de Dona Benta e outros. Foi uma alegria e também oportunidade, uma vez que gostávamos muito de ler, pois lá no sítio pouca coisa tinha para tal fim.

Houve um ano, que no dia seguinte à sua chegada, após o café da manhã, ele foi logo dizendo: “calça velha, calça velha e um chapéu de palha”. Seria uma calça remendada de meu pai que era mais baixo que ele. Ficou uma “figura”. Queria logo ir com a gente para a roça capinar e ajudar na lavoura. Como o sol era muito quente ele ficava com os braços queimados. Lembro-me de que ele próprio tirava a pele dos braços em longas tiras secas. Tudo isso era contra a nossa vontade, pois viera para descansar. Mas ele não era de ficar parado. Isto também era, para ele, uma boa higiene mental. Como não podia deixar de ser, aos domingos ele pregava e também em algumas noites, à luz dos lampiões, no templo da Igreja Batista local.

Lembro-me de que ele, como a mania de professor, sempre andava com lápis vermelho para corrigir provas. Assim é que pediu logo os nossos cadernos da escola primária. Foi logo achando o que corrigir e reclamar da professora que não corrigia direito os seus alunos.

Houve um ano em que ao chegar em casa e ao abrir a mala nós os meninos vimos que ele trouxe um exemplar cinza-azulado “Admissão ao Ginásio”. Supúnhamos que ele tinha intenções de levar algum dos sobrinhos, para internar em um colégio no Rio ou em algum outro lugar. Passados alguns dias ele começou a nos dar aulas das matérias ali contidas: Português, Matemática, História, Geografia. Mas, como ninguém cobrou nada dele, ficou por isso mesmo. Assim como veio voltou para as suas lides no Rio de Janeiro.

Gostava muito de apreciar a natureza. Ficava impressionado com o verde exuberante nosso sítio.

Mas reclamava de que meu pai, enfim a família precisava se organizar e viver dentro de um orçamento fixo. Não adiantava argumentar que as colheitas eram muito incertas e que os imprevistos eram constantes. Ele, como solteirão, e não tendo filhos podia viver desta forma, mas uma família na roça isto era impossível. Mas, quem, para convencê-lo?

Também não queria que derrubássemos as matas virgens. Pois, havia uma área muito boa, um chapadão com mata nativa e que poderíamos fazer uma excelente área para boas plantações e colheitas. Entretanto, tínhamos que obedecer e fazê-las nas encostas e já muito gastas pelos anos anteriores e erosões. Às vezes as chuvas eram muito fortes e lá ia tudo abaixo.

Ele, de longe, exercia forte influência, sobre a nossa família que o respeitava e considerava. Entretanto, o tempo passou e tudo lá ficou.

No Rio de Janeiro

A minha primeira experiência com ele no Rio de Janeiro foi já no ano 1958, quando já estava estudando em Curitiba. Eu era o coordenador da Organização Embaixadores do Rei no Paraná. Então fui convidado, com tudo pago, para participar de um congresso nacional no Sítio do Sossego em Rio Dourado, Estado do Rio. Como o trem da Leopoldina iria partir numa segunda-feira, viajei de avião, Convair, pela primeira vez, chegando ao Rio, no sábado, já bem de noite e fui logo procurando ir para o Colégio Batista na Tijuca onde a meninada estaria se encontrando. Assim foi. No dia seguinte, procurei logo ir a Bangu. Tomei todas as informações e depois de muitas voltas cheguei à estação de Bangu. Procurei, logo, pela Rua Silva Cardoso e me informaram que era a próxima abaixo. Queria o número 279. Assim é que fui caminhando e encontrei uma casa velha e adaptada e bem simples. As classes da Escola Dominical já estavam voltando para o culto. Era gente que não acabava mais. Assentei-me bem atrás e uma senhora logo veio falar comigo, perguntando se era crente. Respondi que era sobrinho do pastor, mas, que era surpresa e não queria que soubesse. Assim foi. Logo, pude ver o Tio, lá na frente. Terno azul-marinho. Ao se por de pé, no púlpito, lançou seu olhar de 180°, foi o silêncio total. Ele, como que abraçando o púlpito que era próprio para a altura dele, colocou o seu dedo indicador da mão direita, em riste, todos ficaram em pé. Anunciou o primeiro hino, e assim o culto transcorreu. Mensagem simples, de ótimo conteúdo bíblico. Era impressionante como ele prendia a atenção de todos até o fim da mesma. Todos

prestavam atenção. Não queriam perder o pensamento até o fim. Quando o culto acabou, fui me encontrar com ele que foi dizendo: “mas você por aqui?” Foi logo falando com a família que iria dar o almoço para ele e pediu que “colocasse mais água no feijão...” Pude notar o quanto era querido e considerado por todos.

Naqueles tempos ele já morava no bairro do Rio Comprido, à Rua Sampaio Viana, 46, propriedade do Maestro Arthur Lakschevitz. Ele morava em cima de uma garagem onde funcionava a Tipografia desse irmão. Nela eram confeccionados os Coros Sacros, a Revista Teológica do Seminário do Sul e impressos para as igrejas. Lá em cima eram dois cômodos. O da frente, o maior, era a biblioteca, cadeira, escrivaninha e de tudo o mais. Na parte de traz era a cama e outras coisas do seu dia a dia. Pois morava sozinho. Como ele sabia que iria chegar, estava me esperando na calçada. Assim me fez entrar. Subimos pela escada que ficava nos fundos. Foi logo me mostrando a sua famosa tese de doutorado em filosofia. Estava embrulhada em vários papéis, inclusive um contra incêndio. Lembro-me que, talvez pela emoção, acabou quebrando o vidro ao fechar o armário de livros.

Depois, em junho/julho do ano 1960, foi quando aconteceu o X Congresso da Aliança Batista Mundial. Fui o responsável pelo ônibus de Curitiba e ficamos instalados no Edifício Love no Colégio Batista. Logo nos encontramos e gostava muito de que estivéssemos juntos. Como ele sempre gostou de aproveitar bem de tudo, não participou com dirigente de nenhum grupo ou como intérprete que bem poderia ter sido. Gostava sempre de procurar um lugar bem próximo a um alto-falante para não perder nada do que acontecia no Maracanzinho. A gente ia

almoçar no bandeirão do SAPS da Praça da Bandeira que hoje já não existe mais.

O Congresso foi indescritível. Tive muitas oportunidades maravilhosas, especialmente no encerramento na tarde do dia 03 de julho, com o grande Maracanã lotado, o grande coral, Billy Graham pregando e milhares manifestando-se ao lado de Cristo.

Em Curitiba

Voltando, no tempo, preciso colocar que no mês de janeiro de 1954, por ocasião de uma Assembleia da Convenção Batista Catarinense em Urubici, atendi ao apelo, uma vez que há tempos, me considerava vocacionado para o Ministério da Palavra. Depois de tornar pública a minha decisão. Procurei o Missionário Adriano Blanckenchip que se prontificou conseguir bolsa de Estudos em Curitiba, na então Escola Batista de Treinamento, hoje Faculdade Teológica Batista do Paraná. Ali, interno. Durante o dia tinha as aulas bíblicas e trabalhava na horta nos fundos, rachava lenha para a cozinha. À noite fazia o Ginásio.

Logo que cheguei escrevi carta a Titio, comunicando que estava em Curitiba estudando para o Ministério Pastoral. Creio que no ano seguinte ele veio a Curitiba. Gostou de mais da cidade. Ficou surpreso como o curitibano se trajava bem (naquela época). Ficou, por alguns dias, na pensão da irmã Maria Túlio, à Rua Duque de Caxias onde meus irmãos, Valfredo Eduardo e Viganth Arvido moravam.

Quando ele chegou, eu estava fazendo trabalho de pré-seminarista pelas Igrejas do Norte do Paraná. Ao chegar, olhou para mim e foi dizendo em leto, acho que ficou

decepcionado com a minha altura e disse: “tu es mass no augums” = tu és pequeno de (crescimento) altura.

Tive a oportunidade de levá-lo para visitar onde estudava e também uma visita ao diretor, o missionário Lester Bell.

Nesta ocasião, o Valfredo, falando com o irmão Mizael Cardona de Aguiar, da Igreja Batista do Cajuru, aventaram a possibilidade de se adquirir uma propriedade. Nisto o tio ficou também entusiasmado e ao voltar para o Rio, limpou as suas reservas nos bancos e foi adquirida a propriedade, à Rua Jacob Bertinato, que se tornou o centro dos Purim até agora.

Eu no Seminário

No ano 1961, ingressei no Seminário no Rio. Lá chegando, os colegas, maldosos, brincando, começaram a fazer hora comigo, sabiam que eu era sobrinho dele, diziam: “como é que pode, agora aparece aqui um filho do Dr. Purim?” Isto tudo não passou de uma brincadeira. - Sempre gostava de me receber em seu gabinete. Nas primeiras vezes já foi me dizendo que a Igreja de Bangu já tinha um seminarista e que não teria como ter dois. Assim é que, por Deus, o Pr. Benilton Carlos Bezerra, da Igreja Batista em Laranjeiras havia pedido um seminarista ao reitor, Dr. Oliver, logo me deu carta de recomendação e para lá fui, onde passei meus quatro anos de seminário. Nos últimos meses, antes de minha formatura ele me convidou para pregar em Bangu. Foi uma experiência muito boa. No final do culto alguém interpelou o pastor: “Mas, Dr. Purim, o senhor com um sobrinho no Seminário e ninguém aqui ficou sabendo?” Ele deu aquela risada característica. Ele já tinha me dito, no começo do meu curso que tinha por norma o não apresentar parentes em

parte alguma. Isto já era coisa antiga. Nunca procurou ajudar seus irmãos, especialmente as irmãs que tanto pediram que isto acontecesse. Mas, isto era uma das normas dele e ninguém poderia convencê-lo de outra forma.

Uma de suas esquisitices notada pela família foi o fato de não participar de meu (nosso) casamento, pois naquela mesma hora estaria acontecendo o aniversário da Sociedade Feminina de sua igreja. Horas antes do casamento, passou na casa dos meus sogros, justificou-se e preferiu a sua igreja. E lá se foi ele. Todos “compreenderam” e perdoaram.

Conceituadíssimo

Em que pese estas esquisitices ele era conceituadíssimo por todos que o conheciam e que ouviam falar dele.

Na igreja era queridíssimo. Todos o tinham na mais alta consideração, apreço e respeito. Solteirão que era, entretanto, frequentemente casais iam tomar conselhos com ele e obedeciam e acertavam-se em seus relacionamentos.

Seus estudos bíblicos e sermões eram apreciadíssimos. Todos recebiam a palavra dele como Palavra vinda de Deus. Todos faziam questão de não perder uma só palavra ou o raciocínio dele que levava o auditório ao ponto de perder o fôlego. Apenas, quando terminava, o povo se mexia, como que dizendo: que coisa maravilhosa! Sempre tinha algo novo que extraía da Bíblia que é realmente fonte inesgotável. Ele mesmo dizia e com certo orgulho que não repetia sermões. De fato, isto pode ser verificado pelos sermonários que deixou.

Para o púlpito levava a Bíblia e o seu sermonário. Era um livro grosso e pautado. Para cada mensagem usava uma página. Escrito em letras bem pequenas, porém, legíveis. Começava com o título, data, hora e local em que iria pregar. Assim temos: Bangu, Universidade Rural (Seropédica), Padre Miguel, Magalhães Bastos, Vila Realengo (essas eram filhas da Igreja de Bangu), Ricardo de Albuquerque que era pastoreada pelo Pr. Arnaldo Gertner e em muitos lugares, como Orleans, Rio Novo, Cajuru e tantos outros lugares. Estes sermonários estão sendo disponibilizados aos interessados, sob o título: Ideias Bíblicas para seus sermões.

Assim era também no Seminário. Ninguém queria perder suas aulas. Lá ele era o catedrático. Regia as seguintes matérias: Filosofia, Filosofia da Religião Cristã, Religiões Comparadas, Apologética Cristã, Teologia Sistemática, Teologia do Novo Testamento, Teologia do Antigo Testamento, Epistemologia, Metafísica, Metodologia Teológica, Lógica, Hebraico, e em outros tempos, Grego, História da Igreja. Para cada matéria ele confeccionava uma apostila e a acompanhava fielmente. Após cada aula ele anotava a data em que parou, para continuar daí para a próxima aula.

Suas provas eram corrigidas com muito cuidado, pois qualquer palavra mal colocada poderia prejudicar a resposta e a nota.

Sempre alguém o procurava para tirar suas dúvidas. Lembro-me de um grupo de alunos do Colégio Batista Shepard que o procurou dizendo que alguém iria fazer uma semente, um grão de feijão. Ele, então, foi logo dizendo.

Mas, fazer um feijão é uma coisa, vamos ver se este feijão vai nascer? Colocar vida em uma semente é outra coisa.

O Conferencista

Era frequentemente convidado e nem sempre podia ir, mas temos registros e escritos de suas palestras em retiros de pastores no Estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e outros. Em todos esses encontros deixava sempre as melhores impressões.

O Escritor

Em que pese ter deixado poucos livros, houve um período, isto é, de janeiro de 1936 a dezembro de 1942, em que foi o redator da Revista da Mocidade Batista Brasileira. Essas lições eram estudadas pelos jovens nas então Uniões da Mocidade Batista que funcionavam aos domingos, antes dos cultos à noite. Através destas lições procurava orientar a juventude batista brasileira em aspectos bíblicos, doutrinários, missionários, morais e culturais. Este material também está à disposição com o título geral: “Eu vos escrevi, ...”. Já estão disponíveis em 6 (seis) em fascículos

Os livros, nos quais deixou o seu pensamento registrado, são os seguintes:

As matérias disponíveis, por enquanto são:

- * APOLOGÉTICA CRISTÃ, 73p.
- * CRISTIANISMO E CULTURA CONTEMPORÂNEA, 63p.
- * ELEMENTOS DE METAFÍSICA COM VISTAS À TEOLOGIA CRISTÃ, 70 p.
- * FILOSOFIA DA RELIGIÃO CRISTÃ, 104 p.;
- * HISTÓRIA DA FILOSOFIA, 100 p.

- * INTRODUÇÃO À FILOSOFIA, 42 p.
- * LÓGICA, APLICADA AO PENSAMENTO TEOLÓGICO, 68 p.
- * METODOLOGIA TEOLÓGICA CRISTÃ, 42 p;
- * TEOLOGIA BÍBLICA DO NOVO TESTAMENTO, 100 p.

**Outro material que não foi produzido
para uso em aula:**

- * A ESSÊNCIA DA OBRA DE CRISTO – Sua Tese de PhD, Dr. em Filosofia com o título original “Um Introdução à Morte e Ressurreição de Cristo.”
- * A EXULTAÇÃO DE CRISTO NO ESPÍRITO SANTO, 8p;
- * A IGREJA DE CRISTO E SUA MISSÃO EVANGELIZADORA, 24 p;
- * A IGREJA DE CRISTO, 52 p;
- * A PREEMINÊNCIA DO INDIVÍDUO SOBRE AS CLASSES ORGANIZADAS, 10 p.
- * ALGUNS PRINCÍPIOS EXCLUSIVAMENTE BATISTAS, 16 p.;
- * AUTORIDADE NA RELIGIÃO CRISTÃ, 67 p.;
- * DEMOCRACIA CRISTÃ (entrevista), 8 p.;
- * IDÉIAS BÍBLICAS PARA SEUS SERMÕES (Esboços) de 1 a 36º volumes
- * JESUS CRISTO NO PANORAMA DA HISTÓRIA, 59p.
- * JESUS CRISTO, O RECONCILIADOR, 76 p;
- * O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO, 8 p.;
- * O ENSINO DE JESUS SOBRE O ESPÍRITO SANTO, 10p.;
- * O PODER DO ALTO, 20 p;
- * ORIENTAÇÃO PARA OS NOVOS CRENTES, 24 p.;
- * PREDESTINAÇÃO E APOSTASIA ou A PERSEVERANÇA DOS SALVOS, 70 p.;
- * PRINCÍPIOS BATISTAS (tese para os pastores do Estado do Rio), 38 p.

Como já foi colocado acima, o Dr. Reynaldo Purim tinha uma cultura e um conhecimento geral de todas ou quase todas as áreas do saber humano.

Entretanto, para não incorrer em algum erro que alguém, algum dia, pudesse incriminá-lo, ele era muito cioso aos expor suas ideias e pensamento. Esta, talvez, tenha sido uma das razões de ter produzido pouco. Antes de chegar à conclusão que o texto estava bom, ele corrigia e datilografava várias vezes (naquele tempo nem se falava em computador). Também ele perguntava, quem é que vai ler, por não entender? Com isso dizia que, se ele expusesse o seu pensamento em sua profundidade, poucos iriam se interessar e ler.

O material que estou expondo, é o que encontrei em seus guardados em forma de apostilas e rascunhos datilografados e outros manuscritos. Como o que importa é o conteúdo estou colocando à disposição em forma de livretos, sem muitas alterações.

Se o leitor estiver interessado, é só fazer o pedido.

- *** -

Acolhido no Seminário

Já nos últimos anos, quando o irmão Arthur Lackshevitiz não tinha mais condições de tê-lo onde há muitos anos esteve, o Dr. Davi Malta do Nascimento, então Reitor do Seminário providenciou um apartamento para ele no prédio 18. Lembro-me dele andando à noitinha pela pracinha do Seminário. Logo alunos se acercavam dele com perguntas, as mais variadas. Uma vez foi impressionante. À noite estava assentado no degrau redondo do centro da praça onde está o mastro da bandeira.

Os alunos ao redor num silêncio impressionante. Uns pediam para os outros: “fiquem quietos, o homem está falando... queremos ouvi-lo.” Ele falava baixinho. No dia seguinte ele me procurou dizendo que isto “foi chato...” Ao que reverti esta falsa impressão dele. Falei que era um quadro lindo. Um verdadeiro sábio.

Muito poderia também falar de sua atuação no Seminário Betel nos tempos de seu início com o Pastor José de Miranda Pinto. Sobre este período, como não foi do meu tempo, nada escreverei.

Ele era um verdadeiro sábio. Conhecia a Bíblia como poucos. Para todas as passagens e circunstâncias bíblicas tinha a interpretação completa e verdadeira, pois conhecia muito bem o hebraico, o grego e as circunstâncias em que o texto ou o caso aconteceu. Ia para o hebraico e o grego, fazia sua exegese e aplicava as regras de hermenêutica. Seu método principal era o de analisar uma doutrina bíblica em seu desenvolvimento. Por exemplo: como os discípulos chegaram à conclusão de que Jesus não era apenas um homem importante, um profeta, mas realmente, o Filho do Deus vivo, conforme a experiência em Cesareia de Filipe, onde Pedro, em nome dos demais, confessou: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo...". Assim, também as doutrinas da Igreja de Jesus Cristo, do Espírito Santo e as demais. Ele era apaixonado por Jesus. Jesus era, para ele o ponto de partida em todas as doutrinas. Por exemplo, ele tem uma série de estudos sobre: Os ensinamentos de Jesus sobre o Céu; Os ensinamentos de Jesus sobre As penas eternas; Os ensinamentos de Jesus sobre o Espírito Santo e tantos outros. Daí, então, os escritos e doutrinas esposadas por ele são de uma perfeição incontestável.

Dominava o Inglês, Português, Frances, Leto, Latim, um razoável conhecimento do Alemão. Além das línguas bíblicas, como o Grego e o Hebraico das quais tinha sido professor.

Deixou marcas profundas em centenas de alunos que muitos já terminaram suas carreiras neste mundo, outros ainda estão cumprindo sua missão, como pastores e mestres em muitas instituições de formação teológica.

O ético.

Era impressionante como ele era respeitador. Jamais se intrometia em áreas que não lhe competia. Nunca procurou interferir na administração do Seminário, por exemplo. Tinha a chave do Seminário. Se a porta estivesse sem chave e assim ficava. Caso contrário, ele passava a chave.

Tinha, por norma, como não gostaria que alguém se intrometesse na função dele, também não fazia com os outros. Exemplo disso também repercutiu na realização de casamentos com efeito civil. Dizia como não gostaria que um juiz viesse realizar o casamento religioso em sua igreja, assim também, não iria fazer a vez de um juiz. Daí a lógica dele. Assim era o seu raciocínio.

O construtor

Como foi dito acima, a sua igreja em Bangu funcionava em uma casa adaptada em terreno amplo. O plano de construir um grande templo esteve sempre em seus ideais. Assim é que vivia observando modelos e confeccionava plantas para o futuro templo. Queria um

templo que chegasse ao máximo à perfeição. Teve inúmeros contatos com o engenheiro acústico Dr. Del Nero em São Paulo. Pretendia um santuário que não precisasse o sistema de som. Tudo isto foi feito sob as suas normas, mesmo assim, teve colocar o sistema de som.

Lembro-me de que, numa segunda-feira, em seu gabinete no Seminário ele me mostrou, com muita alegria, um pacote de cédulas que iria levar para depositar na Junta Patrimonial Batista. Dizia, "não sei como aqueles pobres irmãos conseguem tanto dinheiro...?" Pensei, comigo, isto não será nada...

Marcou o dia do lançamento da pedra fundamental. Dia 1º de maio de 1962.

Como naquele tempo já se falava em Cidade Batista – Lar da Criança em Campo Grande, consegui uma carona na Capela ambulante da Convenção Batista da (então) Guanabara que ia para lá. O motorista/responsável era o seminarista Pedro Litwinchuk, conhecido como Pedro Capela. Depois de muitas voltas, pois pouco conhecia do Rio, chegou à Rua Francisco Real esquina com a Silva Cardoso. Ele me disse: segue à frente que é logo ali. Realmente já havia muita gente reunida para o evento. O terreno estava limpo. A cerimônia foi à tarde. A mensagem foi entregue pelo Pr. Dr. José Lins de Albuquerque. Lembro-me de que ele após a mensagem, tomou o esboço com as anotações e colocou-as dentro da “caixa/pedra fundamental” onde também constava de uma Bíblia, Jornal Batista, Jornais do Dia e assim foi lacrada e enterrada.

A história da construção do templo foi também uma epopeia de fé e sacrifício. Lembro-me de tê-lo visto levando massa em carrinho de mão pelos andaimes até a galeria em construção.

Fui informado, também, em várias ocasiões em que a construção exigia grandes esforços financeiros, ele pedia ao tesoureiro que usasse os seus honorários na obra.

Passados alguns anos chegou o dia da inauguração. Lembro-me dele no púlpito ao lado do pregador, chorando, não se contendo em lágrimas de alegria e emoção.

Para quem não conhece, o templo é realmente muito grande. Em baixo tem muitas salas e também um amplo salão que cabe bem umas 400 pessoas. Em cima o santuário para mais de 1.500 lugares. Tem muitas salas, gabinete pastoral e tudo que se precisa para uma grande igreja.

Homem temente a Deus

Foi dito, logo no começo que ele era lógico e que usavam muito o raciocínio em sua vida, entretanto, creio que a tônica maior foi o seu temor a Deus.

Lembro, quando eu ainda era pequeno minha avó, Lizete, mãe dele me contar que ele, adolescente, na roça, parava, por alguns instantes o seu trabalho, tirava o chapéu, encostava a enxada e passava uns bons momentos em oração a Deus.

Lembro-me também que, todas as noites, em meus contatos com ele, depois de ler algum livro, como vinha sempre fazendo, antes de se deitar, tomava a Bíblia e lia um texto e fazia sua oração, de forma audível em sua língua materna, o leito, que eu podia acompanhar, por ter sido também a minha língua materna.

Lembro-me também que quando estávamos em busca de medico para as suas vistas, já no final de seu ministério,

na noite em que estávamos em Belo Horizonte, vésperas de irmos ao médico, pude ouvi-lo, clamando a Deus que restabelecesse as suas vistas. “Manas atcis” = “minhas vistas”.

Tudo para ele era equilibrado. Bíblia e oração e vice-versa. Para ele a vida cristã tinha que ser mesclada, a espiritualidade com a doutrina bíblica.

Seus últimos anos

Certo dia, o vice moderador, irmão José Maximino me telefonou dizendo: "o seu titio não está bem de saúde. Ele não consegue mais ler. Eu é que tenho que ler par ele..."

Como foi dito acima, devido à falta de alguém que o vigiasse, especialmente quanto à saúde, alimentação etc. chegou o tempo em que a diabetes atingiu graus muito altos, degenerando os nervos óticos. Como ele e ninguém imaginava que isto poderia estar acontecendo, a igreja logo procurou tratamento com o melhor oftalmologista da época. Mais que depressa, o irmão Joel Cabral se dispôs a nos levar e como de fato fomos a Belo Horizonte, para uma consulta com o famoso Dr. Hilton Rocha que tinha, na época tratado o jogador de futebol, Tostão. Lá chegando, e depois de consultado, o oftalmologista o encaminhou para um colega em Copacabana. E nada de melhoras. O estado geral cada vez pior a ponto de tê-lo que internar no Hospital Evangélico do Rio de Janeiro. Lá ficou em estado de coma. Foi constatado que a taxa de glicemia estava em 570. Pensou-se que dessa não iria passar. Os irmãos de Bangu já estavam dizendo que o corpo iria para o templo de Bangu...

Entretanto, passados alguns dias, o hospital informou que fizeram o mal principal baixar e que nada mais tinha que fazer com ele. A sua mente estava, também, totalmente confusa. Não aceitava injeções. Certo momento pisou um comprimido que deveria tomar. Fazer o que com ele assim? Deixá-lo na Igreja em Bangu, não tinha como. Então, com muito custo foi colocado num velho fusca e levado para o aeroporto com pijama e tudo e assim o levei para a casa de meus pais em Curitiba. Ao descer do aeroporto, lá estavam meu pai e o meu irmão Carlos Ademar já nos aguardando. Um detalhe interessante: lá estava também o Pr. Herculano Ribeiro que o conhecia e foi logo dizendo, sou o pai do Pr. Ageu e ele foi logo reclamando, fala com ele que estou esperando o livro que emprestei para ele...

Chegando em casa de meus pais, no dia seguinte queria ir logo para o Seminário e dar suas aulas. Eu disse que estávamos em Curitiba, muito distante geograficamente. Ele brigou comigo, dizendo que eu nada conhecia de geografia. Queria quebrar o portão e sair a pé para o Seminário. Foi uma luta.

Minha mãe foi logo botando o homem nos eixos quanto à alimentação. Assim é que, passadas algumas semanas, fui informado por telefone que o titio estava melhorando. Semanas depois quando fui passar as férias em Curitiba, fui falar com ele. Foi à hora de ele começar a se recompor mentalmente. Foi logo me perguntando: Você é o João Reinaldo, não é? Você foi meu aluno no seminário? e tantas coisas mais.

Tive, então, um momento muito impactante. Depois de algumas semanas, ele veio com meu pai passar uns dias em nossa casa no Rio, o levei novamente à sua igreja em

Bangu. Como aqueles irmãos e irmãs se alegraram com a presença daquele que deu 43 anos se sua vida por aqueles amados irmãos.

Biblioteca e mudança

Pensava-se que ele iria deixar os seus livros para a Biblioteca do Seminário no Rio, mas qual nada. Arranjamos inúmeros sacos e assim foram colocados todos nos mesmos e tudo foi transportado para Curitiba.

Depois disso ainda viveu vários anos junto dos familiares. Como não podia mais ler, sempre pedia para que alguém fosse ler algum livro para ele. Tive que fazê-lo por várias vezes, bem como meus irmãos. O Pastor Mauro Serafim leu a sua tese de doutorado, em inglês e tantos outros. Desta forma, a sua sede pelo saber era amenizada.

Assim passou seus últimos anos com seus irmãos, meu pai e com a irmã, a tia Lúcia.

Partiu para receber o seu galardão alguns dias antes de completar seus 90 anos, isto é, no dia 26 de dezembro de 1987.

Seus funerais aconteceram na Igreja Batista em Cajuru. Foi sepultado no Cemitério Iguaçu em Curitiba.

Dou muitas graças ao meu Deus pelos contatos que tive com ele. Muito “bebi” daquela fonte inesgotável de sabedoria.

Eu sempre reconhecia que era diferente dele em tudo. Nunca procurei imitá-lo, uma vez que cada um é cada um. Como ele próprio dizia que Deus não faz duplicatas.

Também, creio que Deus me colocou no Seminário e também como pastor da Igreja Batista em Senador Camará, a mais próxima estação de Bangu para ser alguém da família para essas horas difíceis que ele passou.

Deus foi maravilhoso a ponto de ele poder passar seus últimos anos com a família. Prova de que Deus não desampara aqueles que o servem com fidelidade, até o último instante de suas vidas.

A Deus toda a glória e louvor!

Contatos:
João Reinaldo Purin
jrpurin2008@gmail.com